

A literatura das periferias cariocas

Resumo:

O presente trabalho pretende introduzir um novo fenômeno na literatura brasileira, em particular, a produção literária das periferias, com enfoque nos autores oriundos das favelas da cidade do Rio de Janeiro. A primeira parte brevemente introduz esta literatura periférica e as suas origens, com o foco principal na produção no Rio de Janeiro. A parte principal apresenta e analisa três obras-chaves de três escritores de periferias diferentes da capital carioca, nomeadamente a coletânea dos contos *O sol na cabeça* (2018), de Geovani Martins, o romance *Fiel* (2014), de Jessé Andarilho e a obra autobiográfica *O livreiro do Alemão* (2011), de Otávio Júnior. Finalmente, estas obras são comparadas e as suas características comuns são resumidas.

A literatura marginal/periférica

Desde o início do novo milênio tem sido observada uma ascensão de escritores brasileiros que vêm de favelas e outros contextos urbanos marginalizados, principalmente na cidade de São Paulo. Em um país excludista como o Brasil, este é um passo importante para trazer a numerosa parte da população marginalizada à luz, finalmente dar voz a ela e também dar espaço para ser incluída no patrimônio cultural brasileiro.

A literatura marginal, ou seja, a literatura periférica, é uma forma de literatura produzida nas periferias e pelas periferias. A literatura é caracterizada pela colaboração de artistas e ativistas das zonas marginalizadas para desenvolverem a consciência comum sobre a temática periférica. Estes escritores, por conseguinte, propõem novos significados para o termo “marginal” e oferecem soluções para a inclusão dessa literatura no campo literário. A produção literária deles aborda temas relacionados à marginalidade e à periferia. Um dos objetivos principais desta corrente é dar voz às minorias, bem como dar a chance de participar em diferentes contextos culturais das comunidades. Em maioria, os escritores não dominam a linguagem culta, portanto o seu discurso é simplificado, caracterizado por um amplo uso da linguagem coloquial, gírias, palavrões e neologismos. A tendência de oferecer um retrato objetivo do dado ambiente leva a literatura marginal, segundo os críticos, a uma aproximação ao realismo e ao naturalismo (Nascimento, 2006, p. 18-19, 35) .

A primeira menção do termo “marginal” na literatura foi notada nos anos 70 no Rio de Janeiro, onde um grupo de poetas oriundos das favelas produzia uma poesia chamada de marginal, que não estava dentro do padrão editorial ou acadêmico, nem se identificava com as vanguardas. A estes autores a crítica literária refere-se como à Geração Mimeógrafo, porque distribuíam

seus textos em folhas mimeografadas pelos bares, cinemas e outros espaços públicos da sociedade. A poesia deles foi produzida pela classe média e por estudantes. Em contraposição à “poesia culta”, caracterizava-se pela linguagem coloquial, pela ironia e por temas de sexualidade ou de uso de substâncias ilegais. Aos representantes dessa geração pertenciam os poetas Ana Cristina César, Cacaso, Paulo Leminiski, Francisco Alvim e Chacal, entre outros (Eble, Ramar, 2015, p. 194, Nascimento, 2006, p. 12-14).

No entanto, o termo “marginal” ressurgiu no fim dos anos 90 na cidade de São Paulo. Uma característica dessa geração dos autores periféricos é o uso da linguagem coloquial, das gírias nas obras literárias e nas letras das músicas dos gêneros hip hop e rap (abreviação do “rhythm and poetry”), que é caracterizado pela fala em versos com batida eletrônica, com mensagens sócio-críticas como forma de reivindicação da cultura periférica (Eble, Ramar, 2015, p. 195). Um dos introdutores do conceito “literatura marginal” foi o poeta e rapper Ferréz, pseudônimo de Reginaldo Ferreira da Silva. Em 1997, Ferréz lançou seu romance *Capão Pecado*, baseado na sua própria história de vida na favela paulista Capão Redondo. O livro abriu uma discussão pública e o interesse das pessoas pela temática de marginalidade cresceu, o que foi um impulso para iniciar outros projetos não somente de caráter literário.

A literatura marginal é vinculada a um projeto político, comprometido com as condições periféricas e opressivas. Existem muitas iniciativas autônomas dos movimentos culturais periféricos, principalmente em São Paulo. Um exemplo desse projeto são os *saraus literários*, espaços lúdicos e combativos, principalmente bares, que se transformam em locais abertos para as criações artísticas periféricas e debates políticos. O sarau mais famoso e de maior relevância é o Sarau da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia), fundado em 2001 pelo poeta Sérgio Vaz, que se auto-define como "um movimento cultural de resistência na Periferia" (Reyes, 2011, p. iii, p. 2, p. 13). Este movimento agrega artistas de diferentes áreas, principalmente

poetas, que se reúnem semanalmente. Em 2007, o poeta Sérgio Vaz organizou a Semana da Arte Moderna da Periferia e escreveu o *Manifesto da Antropofagia Periférica* para propagar a literatura e a cultura periférica. (Eble, Ramar, 2015, p. 196). Estes artistas, junto com outros representantes da época da virada do novo milênio, inspiraram e influenciaram a nova geração dos autores das diversas comunidades pelo país.

A literatura periférica no Rio de Janeiro

A nova tendência na literatura também tem crescido no Rio de Janeiro. O estado começou a envolver-se em alguns eventos culturais periféricos em níveis local, nacional, bem como internacional. No entanto, sua produção tem sido pouco estudada pela academia e esta foi uma das principais razões para que o foco deste trabalho seja a capital carioca.

Desde a virada do milênio, está crescendo a geração mais jovem dos autores da periferia carioca, que se interessam em descrever a realidade dos morros, partindo de cima para baixo. A literatura periférica do Rio de Janeiro tem como temas principais a violência, a segregação e a dualidade carioca¹, entre outros temas.

Além dos autores das zonas marginais, intelectuais de outros espaços sociais começam a interessar-se cada vez mais pela problemática desses locais. Um dos primeiros representantes é o jornalista Zuenir Ventura. Ele reportou a violência e a segregação entre o “morro” e o “asfalto” (*a favela e o bairro*), após uma chacina de 21 pessoas por policiais militares na favela carioca Vigário Geral, em agosto de 1993. Baseando-se na própria experiência, o autor tentou explicar esta dualidade, bem como a perspectiva das unidades da polícia pacifista, que foram

¹ a histórica dualidade carioca, ou seja, o conflito entre, de um lado, a realidade da população dos morros, criados como consequência da modernização da cidade, e do outro lado, a perspectiva da população das zonas mais abastecidas (Ventura, 1994, p. 12-13).

instaladas nessa favela (Seldin e Ledo, 2017, p. 7-8). O seu livro, intitulado *Cidade partida*, ganhou o prêmio Jabuti 1995 na categoria da Melhor Reportagem.

Provavelmente o romance mais famoso desta tendência literária é *Cidade de Deus* (1997), do escritor carioca Paulo Lins, baseando-se na própria vida dele na favela Cidade de Deus e na sua colaboração em uma pesquisa nesta comunidade. Foi o lançamento deste romance que deu o marco definitivo da abertura à literatura periférica. Outros intelectuais interessados na literatura periférica carioca incluem Jalison de Souza e Silva, Adair Rocha e Maria Paula Nascimento Araújo, entre outros.

No início do milênio, Binho Cultura, artista da favela Vila Aliança, lança o livro *A história que eu conto*, um livro sobre a iniciativa de criação de um Centro Cultural na favela Vila Aliança. Em 2013 foi publicado o livro *A voz do Alemão*, escrito por Rene Silva, oriundo do Morro do Adeus, no Complexo do Alemão. O livro retrata o cotidiano dos moradores do Complexo do Alemão. O autor é o fundador do jornal *Voz da Comunidade*, que dá espaço às vozes da comunidade, anteriormente silenciadas. Baseado na letra *O menino do morro*, do grupo de rap *Facção Central*, em 2003, o artista Bruno Rico lançou um romance do mesmo nome, que conta a história de um menino maltratado que se torna um traficante de sucesso. Em 2017, Lorhan Rocha, oriundo do Morro da Formiga, lançou seu romance *Eu sempre fui Azul*, que retrata a vida um jovem desfavorecido que sofre de depressão e é ajudado por uma menina (Silva, 2022).

Um dos eventos mais visíveis do estado do Rio de Janeiro é a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), um evento literário anualmente organizado ao sul da capital carioca, promovendo autores desfavorecidos, dos quais alguns de descendência negra ou índia ganharam prêmios nesta festa (Leite, 2020).

Inspirados na FLIP, os idealizadores Écio Salles e Julio Ludemir são responsáveis pela fundação da Festa Literária das Periferias (FLUP) no Rio de Janeiro, cuja primeira edição chamada Festa Literária das UPPs foi em 2012 no Morro dos Prazeres, em Santa Teresa (Leite, 2020). Esta festa tem a intenção de levar escritores “sem voz”, oriundos de zonas marginalizadas pacificadas, às grandes editoras. No ano seguinte, a FLUP mudou o seu nome bem como o local, com o objetivo de estender a zona para além das favelas pacificadas com a implementação da UPP (Unidade Policial Pacificadora), para incluir também outras zonas marginalizadas (Seldin e Ledo, 2017, p. 12).

Em 2014, no Morro do Alemão surgiu o “Rio slam poetry”, a primeira competição sul-americana de recitação dos trabalhos dos poetas periféricos (Seldin e Ledo, 2017, p. 13).

Em conclusão, os autores, os pesquisadores e as atividades acima apresentados são apenas alguns exemplos entre vários outros existentes no Brasil, de maior ou menor notoriedade. Tendo isso em vista, no próximo capítulo haverá um enfoque em outros três artistas oriundos das favelas cariocas, sendo analisada e comparada, em mais detalhe, a sua produção literária e o engajamento cultural.

Análise de três obras periféricas cariocas

Nesta parte vamos apresentar três escritores cariocas selecionados cujas obras serão analisadas mais detalhadamente. Geovani Martins, um escritor jovem que se vai tornando uma referência no contexto da literatura marginal, será analisado com sua coletânea de contos *O sol na cabeça* (2018); Jessé Andarilho com o seu romance *Fiel* (2014); e o escritor e ativista Otávio Júnior com o seu livro autobiográfico *O livreiro do Alemão* (2011). Escolhemos estes três autores por pertencerem à nova geração dos escritores da periferia e por provirem de comunidades diferentes da cidade, as quais também captam nas suas obras. Eles também escrevem sobre

suas experiências de formas divergentes e por meio de gêneros diferentes, mostrado pela escolha dos livros analisados.

A coletânea de contos *O sol na cabeça*, de Geovani Martins

Geovani Martins é um escritor nascido em 1991 na favela de Bangu, no Rio de Janeiro. Ele cresceu na favela Rocinha e mora no Morro do Vidigal desde os 13 anos. A sua coletânea de contos *O sol na cabeça* foi publicada pela editora Companhia das Letras em 2018 e tornou-se um fenômeno da literatura contemporânea brasileira. Ele participa de eventos literários das periferias e sua obra foi indicada ao Prêmio Jabuti e terá seus direitos adaptados para o cinema. (Brandileone, 2021, p. 27-29). Sua escrita destaca a desigualdade social e a estrutura do poder institucional, e busca dar visibilidade e voz à periferia.

A coletânea de contos *O sol na cabeça* é uma representação significativa da literatura periférica. A obra é composta por um total de treze contos, seis deles com um narrador em primeira pessoa e sete com um narrador em terceira pessoa. Suas narrativas apresentam o cotidiano ora cruel, ora poético de jovens e crianças das favelas cariocas. As histórias mostram suas dificuldades econômicas e sociais, envolvimento com o tráfico e consumo de drogas, discriminação social e violência, tensões entre a polícia e os moradores, em contraponto com as situações como as brincadeiras de rua, idas à praia, amizades ou relações amorosas. As histórias captam as emoções destas pessoas, tais como os sentimentos de medo, ansiedade, arrependimento, raiva, alienação ou ciúme, mas também amor, nostalgia, esperança e alegria nas pequenas coisas que a vida traz. Este método de escrita é desenvolvido para apresentar ao leitor da forma mais realista possível a vida da população das favelas.

O primeiro conto da coletânea, "Rolézim" apresenta um comum dia de sol e calor, no qual um grupo de amigos jovens buscam maneiras para aproveitar a praia na zona prominente da cidade. O conto apresenta a violência e discriminação com que a polícia trata os jovens da favela e a

presença de crime na vida diária da população das periferias, o que é demonstrado de uma forma clara na passagem seguinte:

Nós tava tranqüilão andando, quase chegando no ponto já, aí escoltamos os canas dando dura nuns menó. A merda é que um dos cana viu nós também, dava nem pra voltar e pegar outra rua. [...] Quando nós tava quase passando pela fila que eles armaram com os menó de cara pro muro, o filho da puta manda nós encostar também. Aí veio com um papo de que quem tivesse sem dinheiro da passagem ia pra delegacia, quem tivesse com muito mais que o da passagem ia pra delegacia, quem tivesse sem identidade ia pra delegacia” (Martins, 2018, p. 15).

Outros contos, como "A Viagem" e "Estação Padre Miguel", também mostram o fracasso do poder público em relação à instauração da paz nestes locais e o uso expressivo de diversas drogas, especialmente comercializando a maconha, relacionado com a sensação de tranquilidade, como notório no trecho seguinte, do conto "A Viagem": “Gabriel nunca cheirou cocaína, é um moleque tranqüilo em relação às drogas, além de maconha só usa doce e lança-perfume (em ocasiões especiais)” (Martins, 2018, p. 47).

O enredo do conto “Estação Padre Miguel” passa no lugar chamado Cracolândia, onde um grupo de amigos discute seu único passatempo, que é o consumo de drogas, confrontados por uma nova lei dos traficantes, que tinha proibido o consumo de *crack* na favela. Durante esta conversa são assaltados por outros viciados e traficantes.

Isso é porque o mundo tá drogado, irmão. Até parece que tu não sabe. Já te falei, vou falar de novo: uma semana sem drogas e o Rio de Janeiro para. Não tem médico, não tem motorista de ônibus, não tem advogado, não tem polícia, não tem gari, não tem nada. Vai ficar todo mundo surtando de abstinência. Cocaína, Rivotril, LSD, balinha, crack, maconha, Novalgina, não importa, mano. A droga é o combustível da cidade (Martins, 2018, p. 47).

Neste trecho, o autor abertamente critica a inteira cidade do Rio de Janeiro, acusando, hiperbolicamente, todos os habitantes da cidade do uso de várias drogas, incluindo substâncias distribuídas sob prescrição médica.

O conto "Primeiro Dia" apresenta a preocupação de um jovem de 11 anos de se sentir um membro valorizado no seu coletivo na escola, além de mostrar a desvalorização da educação na favela, onde muitos jovens buscam dinheiro rápido ao invés de seguir os estudos. Podemos verificar no trecho:

Deixou em casa os lápis de cor, a régua, as canetinhas e todo o resto da lista de material que a mãe fazia questão de comprar inteira, por mais que doesse no bolso, e levou apenas seu caderno do Flamengo e uma caneta Bic. Ter um estojo, sentar na frente, responder as perguntas do professor são péssimas ideias para quem pretende ser respeitado na escola (Martins, 2018, p. 35).

Como podemos observar na maioria dos trechos acima, a linguagem utilizada pelo autor Geovani Martins nos seus contos é uma forma de expressão diferente da normativa, usando uma língua vívida e um dialeto local, falado pelos habitantes da favela. Esta linguagem enriquece e dá força às suas obras, criando um realismo onírico e paradoxal que convida o leitor a vivenciar o contexto da favela. A utilização da linguagem coloquial também tem a intenção de causar empatia com as adversidades e problemáticas enfrentadas pelos moradores da favela (Pimentel, 2020, p. 258-259).

Teco é maluco. Até parece que ia conseguir dormir com aquela lua. Geral falou que na praia ele ia ficar tranquilão, só palmeando as novinha, dando uns mergulho pra refrescar a carcaça. Quando chegasse em casa, ia tá morgadão, dormir que nem criança (Martins, 2018, p. 6).

No trecho em cima, tirado do já mencionado conto "Rolézim", podemos verificar que o autor intencionalmente deixa as gírias no texto sem nenhuma marcação visual, para enfatizar que pertencem ao espaço literário. Assim, o leitor pode enfrentar dificuldades na compreensão. Em linguagem padrão, o trecho significaria, aproximadamente, o seguinte:

Teco ficou louco. Até parece que ia conseguir dormir com a lua. Os outros disseram que se ia acalmar na praia, observar algumas meninas, mergulhar para refrescar sua cabeça. Quando chegasse em casa, ia estar tão exausto, que ia dormir que nem uma criança.

Assim, na linguagem que o autor utiliza, o leitor pode notar desvios gramaticais na concordância nominal em número entre os substantivos e os artigos definidos e indefinidos (ex. *uns mergulho, as novinha*), onde verificamos a omissão da desinência “-s” no final da forma plural dos substantivos e a presença da forma plural apenas nos determinantes. A palavra *morgadão* vem de “morgado”, que é uma expressão de gíria que significa que uma pessoa está muito cansada, com o sufixo *-ão* ainda reforçando a intensidade. A preferência pela preposição “em”, para os verbos de movimento, é quase absoluta, principalmente para o verbo “chegar” (ex. *Quando chegasse em casa*).

O léxico sofre uma presença considerável de expressões de gíria e de baixo calão, como vemos no conto “A história do Perequinho e do Macaco”. Como exemplos podem servir as palavras *menó*, um substantivo para definir ou chamar pessoas, da forma igual como “menino, rapaz” no padrão; *o bengá*, uma expressão de calão do morro que refere à maconha; *o vapor*, que é uma expressão do calão para chamar um menor traficante; *a boca*, que refere ao centro do tráfico de drogas; a expressão pejorativa *puta que pariu*, que é uma expressão de desagrado ou ofensa; ou a expressão *no sapatinho*, que é usada para dizer que algo será feito com cautela.

Estes desvios linguísticos podemos verificar nos trechos seguintes do conto mencionado:

[...] ninguém queria botar a cara para vender, só tinha criança trabalhando de vapor. [...] (Martins, 2018, p. 28).

[...] quando a UPP entrou, dois dias já dava para comprar bagulho [...] Tu lembra do bengá na tua época já tava rolando? [...] Lembro como se fosse hoje, mano, último dia antes do polícia entrar no morro (Martins, 2018, p. 29).

[...] lá na boca, geral queria mostrar que tava tranquilão, mas dava ver que o bagulho tava esquisito. (Martins, 2018, p. 30).

[...] Puta que pariu, menó, tinha que ver (Martins, 2018, p. 30). [...] Quando eles desceu, ele chegou no sapatinho e guentou os dois (Martins, 2018, p. 31).

A linguagem presente na obra foi recebida bem, por alguns críticos foi até exaltada. Segundo o crítico João Roberto Maia, “o uso de registros diferenciados da língua pode ser entendido como recurso que contribui para a energia crítica do livro, ao possibilitar certa aproximação

transgressiva de linguagens, cujo efeito é, entre outros, realçar contrastes e divisões sociais” (Maia, 2021, p. 174). Assim, a quebra dos padrões da língua culta pode significativamente contribuir para uma futura superação da exclusão dessa linguagem e incluí-la dentro do cânone literário brasileiro.

O romance *Fiel*, de Jessé Andarilho

Jessé da Silva Dantas nasceu em outubro de 1981, no bairro do Lins, em Santa Cruz, o último bairro da linha de trem que liga o centro à Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, e foi criado na favela de Antares. Ele é conhecido por seu apelido "Andarilho", devido ao tempo que passava viajando de trem para o centro da cidade onde trabalhava. Enquanto viajava, ele começou a escrever em seu telefone. Foi assim que nasceu seu primeiro romance, *Fiel*, publicado em 2014 pela Editora Objetiva. Jessé Andarilho continua engajado e dá palestras sobre a sua experiência como escritor de favela, além de administrar uma biblioteca comunitária na favela Antares. O autor escreve sobre os problemas relacionados à comunidade Antares, como a segregação, violência, uso de substâncias tóxicas e a cibercultura. Além das obras publicadas, Jessé Andarilho fundou e dirige o *sarau* de poesia, slam e rap chamado *MargiNow*, que ele próprio chamou “uma revolução através das palavras” (Amaro, 2018).

O livro *Fiel* é uma mistura de romance social e romance de formação. A obra relata a vida de Felipe, um menino de 14 anos, que vive no complexo Antares, no Rio de Janeiro. Ele é bem-sucedido nos estudos e no futebol, é carinhoso, frequenta a igreja e é popular entre amigos, professores e adultos do bairro. A popularidade de Felipe é causada por sua habilidade de dialogar e resolver problemas. Ele vem de uma família religiosa e amorosa, mas sua vida começa a mudar quando seus pais se separam e sua mãe consegue dinheiro para sair do bairro, o que o deixa infeliz. Depois, ele passa a frequentar secretamente bailes funk e se aproxima e

apaixona por uma colega da escola. Junto com estes eventos, ele faz amizade com os pichadores do bairro. Sua popularidade o leva aos chefes do morro, dando início ao seu fim.

Ao longo da obra, observamos alguns momentos marcantes para o desenvolvimento da trajetória do *Fiel*: o seu companheirismo com pichadores, as saídas ao baile funk e o declínio como catador de latas (Salgado, 2017, p. 98-99). Por causa da separação dos pais e a perda do controle, Felipe decidiu mentir para eles e começou a frequentar o baile todas as sexta-feiras:

Foi a primeira vez que Felipe dançou o passinho do funk fora do seu quarto. Tinha medo de o pai descobrir sua vontade de colocar em prática o que aprendera assistindo os vídeos do YouTube (Andarilho, 2014, p. 191).

Estas noites de baile funk afetam radicalmente sua personalidade e definem seu futuro; representam um momento fundamental em sua socialização e a oportunidade de conhecer outro grupo de jovens das periferias da cidade do Rio de Janeiro.

Na favela, ser educado, ter uma família completa, ser popular e ter um futuro promissor não impede o envolvimento com o crime, já que os habitantes estão expostos a violência e tráfico desde cedo. No livro, o protagonista começa a trajetória criminosa quando os chefes do morro o recompensam pelo talento no futebol e pelo carisma e por sua habilidade de dialogar diplomaticamente, nomeando-o como o novo fiel do chefe do morro.

A partir de hoje, todos os gerentes da favela vão prestar contas das cargas com você.

[...]
Você vai tirar uma comissão maneira de cada carga que for fechada na favela.

[...]
A partir de hoje, o que o menor falar é a mesma coisa se eu tivesse falando. Ele agora é meu fiel. Todos vocês vão prestar as contas das cargas com ele, e vão ajudar no que precisar. Ou melhor, no que ele mandar (Andarilho, 2014, p. 476).

Este iniciou um direto envolvimento do Felipe com o crime. O autor retrata um ambiente brutal, sem limites, e critica a polícia corrupta. Como refere Salgado, “um quartel de drogas é um

sistema ilegal muito complexo, onde, se você quer ser bem sucedido, prosperar e viver, você deve entender perfeitamente como esse negócio funciona” (Salgado, 2017, p. 110). Percebemos que a pessoa com o cargo de fiel tem um poder enorme e muitas responsabilidades. Apesar de suas boas intenções e habilidades, a queda econômica do tráfico leva à sua saída da comunidade, perda de casa e de amor, acabando na rua viciado em drogas e catando latas. Ele é recolhido num abrigo e dado uma segunda chance de recomeçar.

Jessé Andarilho mostra na obra *Fiel* a face violenta da cidade, com raízes na indiferença e abandono da camada pobre pelo Estado, e no julgamento injusto da classe desfavorecida pelos grupos superiores. Podemos assumir que a intenção do autor é apresentar estas classes desfavorecidas em uma perspectiva diferente da que é usada pelas mídias. Em vez disso, o autor quer mostrar que as crianças e adolescentes das favelas não nascem criminosos, eles são protagonistas das suas histórias, com potencial para crescer e sair de lá. O personagem principal, Felipe, é um "bom moço" que se envolve no crime, mas com motivos nobres, como sentimentos de lealdade e desejo de melhorar a favela, ele desempenha o papel do "protetor da comunidade". No entanto, ele sofrerá as consequências de ser da favela.

O romance *Fiel* apresenta aspectos interessantes que podem ser analisados sob a perspectiva linguística. Vejamos agora alguns desvios da norma culta, que aparecem no livro. Como o primeiro exemplo, podemos mencionar o trecho seguinte: “— Colé, menor, tá cego? Calma aí, tô ligado na tua. Foi tu que jogou as Olimpíadas Escolares na seleção daqui, né?” (Andarilho, 2014, p. 177). A palavra *colé*, que na norma culta significa “qual é”, é uma ocorrência muito comum no dialeto carioca, em que *colé* é o resultado da pronúncia rápida. Além disso, observamos o uso das palavras coloquiais *tá* e *tô*, havendo um desvio da norma padrão que deveria ser “está” e “estou”. Outro desvio gramatical é o uso da expressão *né*, que na norma padrão seria “não é”.

No que se refere às gírias presentes no livro, percebe-se que a obra apresenta uma grande quantidade de termos, citando como exemplo o seguinte trecho: “— Ô rapá, eu sou bandido nessa porra, sou o Kiko Boladão! Se tu ficar olhando pra mim vou te comer na porrada e vou dá um tiro no seu pé, seu cuzão”. (Andarilho, 2014, p. 807). Nessa passagem, é empregada a expressão popular brasileira *rapá*, usada em contextos informais de fala quando não se sabe o nome de uma determinada pessoa, sendo uma forma rápida de dizer rapaz. Há ainda a expressão *cuzão*, empregada para indicar que um determinado indivíduo é de mau caráter e não inspira confiança.

Embora existam passagens com linguagem informal, principalmente observados nos diálogos entre as personagens, no livro também é possível observar passagens consideradas corretas pela norma culta da língua portuguesa, como por exemplo:

[...] Com os olhos cheios d’água, seu Hélio abriu um sorriso e deu um forte abraço no garotão. O questionário virou uma conversa entre dois amigos de verdade. O pai contou sobre sua infância triste e isso, de alguma forma, fez Felipe enxergá-lo de outro ponto de vista (Andarilho, 2014, p. 492).

Nesse sentido, é importante destacar que muito além da linguagem, a literatura periférica possibilita denunciar a realidade dos grupos marginalizados, contribuindo assim para a defesa dos direitos humanos, gerando questionamentos, e por vezes, promovendo ações concretas contra as injustiças sociais.

O livreiro do Alemão, de Otávio Júnior

Otávio Junior é escritor, ator, contador de histórias e produtor de teatro no Rio de Janeiro. Ele ficou mais conhecido como livreiro do Alemão quando decidiu por conta própria fundar a primeira biblioteca em duas favelas do Rio de Janeiro, sendo uma delas no Complexo do Alemão. (Vasconcelos e Ramos, 2021). Ele nasceu em 1983 no Morro do Caracol e usa sua própria experiência para escrever sobre a vida na favela, as dificuldades e formas de encarar a

vida de seus habitantes, com o objetivo de conseguir a democratização da leitura nas comunidades. Além disso, ele é autor de literatura infantil. A sua obra *O Livreiro do Alemão*, publicada em 2011, que foi selecionada para a nossa análise, é uma narrativa autobiográfica que relata a importância da leitura em sua vida.

A obra *O Livreiro do Alemão* tem sua trajetória ambientada principalmente na favela carioca Complexo do Alemão. Suas personagens vivenciam uma realidade à margem da sociedade, passando por um contexto marcado pela violência, pelo crime, pela atuação policial, e sobretudo pela invisibilidade e exclusão por parte do poder público.

Um dos principais temas abordados logo no início de *O Livreiro do alemão* é o descaso por parte do poder público em relação ao espaço da comunidade, que nem contava com serviços de coleta de lixo: "O entorno era um grande depósito de lixo. Não havia serviço de coleta na comunidade. Todo o lixo era queimado ali mesmo" (Júnior, 2011, p. 10).

O autor descreve a falta de condições de sobrevivência dessas pessoas, uma vez que se aproveitavam de objetos que achavam no lixo, descartados por pessoas com melhores condições de vida, incluindo brinquedos para as crianças:

De repente, vi uma caixa de brinquedos quase novos. Devo ter dado um grito de surpresa, de espanto, alguma coisa assim. Esse foi o meu erro. Todos que estavam em volta do campo ouviram e correram em minha direção. Os brinquedos só podiam ser de um menino com melhores condições de vida, que morava no pé do morro (Júnior, 2011, p. 10).

No capítulo intitulado como "Tá vendendo picolé?", há um trecho emblemático quanto a realidade periférica e os seus modos de sobrevivência. . O autor relata que estava descendo o morro para ver um amigo, mas encontrou um traficante que lhe tentou demonstrar a sua superioridade enquanto um morador que estava a serviço do tráfico, ocupação que lhe permitia usar roupas de marca, diferentemente de Otávio que vestia uma roupa rasgada: "Um dos

garotos, que já atuava com os traficantes, me mandou parar. Ele estava rodeado de outras pessoas. - Olha a minha roupa, é toda da Redley, e olha a sua! - apontou para o furo em minha camisa" (Júnior, 2011, p. 19).

O autor assim aponta para o fato de que desde muito cedo os jovens nas favelas começam a trabalhar para o tráfico de drogas, podendo assim comprar coisas caras e ganhar respeito no colectivo, além de poderem ajudar a mãe, uma vez que a figura paterna é ausente em grande parte dos casos: "Geralmente são menores que vendem a droga no varejo. É assim que eles ganham dinheiro para ajudar a mãe (é incrível o número de mulheres abandonadas pelos parceiros), para comprar roupas de grifes famosas e sair com as "tchutchucas" [...] para ganhar respeito e para sustentar o próprio vício" (Júnior, 2011, p. 19).

Outro fato que o autor observa é que os livros não fazem parte da realidade das favelas, nem tampouco há livrarias que fiquem perto das comunidades periféricas do Rio de Janeiro, conforme observa Otávio Junior:

A livrara mais próxima de minha casa fica a 10 quilômetros. E olha que eu moro bem no pé do morro. A distância da biblioteca mais próxima é um pouco menor. Uns 3 quilômetros. Ou seja: o livro é algo distante [...]. Muitas crianças crescem nesse ambiente e não têm oportunidade de experimentar outros movimentos culturais. Nunca foram ao cinema, ao teatro, ao circo (Júnior, 2011, p. 27).

Assim, há uma falta de oportunidade para as crianças periféricas terem contato com a leitura, que não é algo tão acessível dentro do ambiente em que vivem nem tampouco estimulado pelos próprios pais.

No que diz respeito à linguagem empregada em *O Livreiro do alemão*, é possível encontrar exemplos do uso de uma linguagem informal. Um elemento que está presente no livro são as gírias, tanto aquelas só usadas pelos que vivem nos morros, quanto aquelas usadas geralmente por brasileiros em contextos informais de fala. Como exemplo do segundo tipo podemos

indicar a expressão *xepa*: "de tanto mexer o lixo, alguns amigos começaram a me chamar de xepa" (Júnior, 2011, p. 12). Essa expressão é muito conhecida popularmente, referindo-se a alimentos ou produtos baratos que podem ser encontrados no final de uma feira. Outro exemplo pode ser a expressão *rala peito*, que significa sair ou ir embora de algum lugar: "Acabou o juvenil! O Juningo pode ficar... O resto rala peito!" (Júnior, 2011, p. 13).

Há ainda expressões que são próprias das comunidades e que apenas uma pessoa que vive nesse ambiente entende em sua totalidade, como, por exemplo, a palavra *tchutchucas*, que o próprio autor escreve entre aspas no texto, procurando explicar ao leitor de fora o que significa esse termo: "[...] e sair com as *tchutchucas* (como são chamadas as garotas que usam roupas sensuais e dançam de forma provocante nos bailes funks)" (Júnior, 2011, p. 19).

Outra expressão utilizada no livro é *dar um teco*, uma gíria muito presente em uma realidade de uso de drogas em que os viciados cheiram a cocaína ou fazem uso de algum tipo de droga: "Depois, já viciados, precisam trabalhar para "dar um teco" (Júnior, 2011, p. 19).

Podemos confirmar, que, comparando com as obras analisadas anteriormente, em *O livreiro do Alemão* não encontramos uma grande quantidade de palavras relacionadas a uma linguagem periférica. A razão pode ser vista no fato de se tratar de uma obra em que o autor oferece um relato autobiográfico da sua experiência de vida e da tentativa de levar o gosto pela leitura para comunidades periféricas. Não se trata, de uma obra em que falas, cenários e personagens são construídos ao longo da narrativa, na qual seria preciso manter a autêntica fala coloquial desse contexto.

Traços comuns presentes nas obras *O sol na cabeça*, *Fiel*, *O livreiro do Alemão*

As três obras *O sol na cabeça*, *Fiel* e *O livreiro do Alemão* são caracterizadas por surgirem na mesma década de 2010, retratando a vida e as condições das favelas cariocas, marcadas pela

pobreza, violência e injustiça. Os três escritores foram influenciados por alguns dos porta-vozes da nova geração de autores marginalizados, como Ferréz, Sacolinha ou Paulo Lins. Os autores analisados decidiram tomar iniciativa neste movimento cultural-literário, que surgiu na década 90 do século passado nas periferias paulistas. No entanto, os autores Martins, Andarilho e Júnior são uns dos primeiros ativistas representantes do contexto da cidade do Rio de Janeiro. Eles contribuem para o desenvolvimento na área cultural das periferias, através das iniciativas que eles próprios organizam e que inspiraram o surgimento de outras novas vozes.

Estas obras têm como objetivo retratar o território das favelas cariocas e os costumes típicos dos moradores dessas localidades, sob uma perspectiva autêntica e realista. As histórias são narradas por um locus social de um grupo produtor de discursos auto-afirmativos.

Um dos temas principais é a problemática da violência presente nas favelas. Os altos índices de violência doméstica e atos violentos nas ruas são apresentados nas obras, mostrando a insegurança e medo das personagens expostas a essa realidade no seu cotidiano, existente na sociedade brasileira. A violência, seja física, seja simbólica, acompanha a vida na periferia, afetando crianças, adolescentes e jovens adultos. Como consequência, a violência impede o desenvolvimento e crescimento dessas personagens e diminui a dignidade dessas comunidades.

A educação é um tópico importante nas obras escolhidas, visto que é um problema na periferia. A educação oficial é notória como ineficaz e desconectada da realidade das zonas populares. Nas obras, a escola desempenha um papel importante na socialização dos jovens, mas há uma grande pressão para se encaixar no coletivo, valorizando a popularidade, roupas de marca e sucesso esportivo, em vez de ser um bom aluno. No conto "Primeiro dia", de Geovani Martins, a pressão do coletivo leva ao medo de ser excluído e à desmotivação de ser um bom aluno. No romance *Fiel*, de Jessé Andarilho, o protagonista é um excelente estudante, mas sua vida muda com o envolvimento com o crime. Em *O livreiro do Alemão*, de Otávio Júnior, o autor mostra

como o acesso à educação comumente excluído pode dar sentido à vida das pessoas e superar a alienação e julgamentos.

A literatura marginal caracteriza-se pela utilização de uma linguagem típica das zonas periféricas, incluindo variações da linguagem coloquial e do baixo calão. Esta linguagem informal oferece uma forma de identificação para o leitor da periferia ou aproximação à periferia para o leitor de fora. Nas obras selecionadas, a coletânea de contos *O sol na cabeça* apresenta a representação mais rica da fala das periferias, enquanto *O livreiro do Alemão* se aproxima mais da língua padrão. No romance *Fiel*, observa-se uma experimentação linguística, com o uso da língua padrão no discurso narrativo e da língua coloquial e baixo calão no discurso direto entre personagens.

Além disso, os livros também mostram a importância da literatura no desenvolvimento cultural dessas comunidades e a democratização da leitura nessas áreas, através de projetos de leitura e iniciativas organizadas pelos próprios autores.

Conclusão

Os movimentos culturais e a produção artística desempenham um papel importante para dar visibilidade e voz às periferias, bem como para iniciar uma forma de relacionar as margens sociais com o resto da cidade e principalmente inserir as camadas populares na sociedade brasileira. A coletânea dos contos *O sol na cabeça*, de Geovani Martins, descreve contextos culturais que permeiam o locus social do autor e tem como objetivo mudar a perspectiva estereotipada do morro e do favelado na literatura brasileira. Por sua vez o romance *Fiel* tem como objetivo principal interrelacionar diferentes temáticas ao preconceito social relativamente aos grupos marginais que as mídias distribuem, com a intenção de quebrar esses estereótipos julgados pelas pessoas "de fora". A obra *O livreiro do Alemão* é um exemplo do

impacto da literatura na sociedade, o qual levou a reflexões sobre a relação entre o poder público e as zonas desfavorecidas. Além disso, a obra ressalta a importância dos livros e da cultura para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. As três obras atuam pela democratização dos espaços prejudicados.

Referências bibliográficas

Fontes primárias

Andarilho, Jessé. 2014. *Fiel*. Companhia das Letras. Kindle Edition.

Júnior, Otávio. 2011. *O livreiro do alemão*. São Paulo: Panda Books.

Martins, Geovani. 2018. *O sol na cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras.

Fontes secundárias

Aline Eble, Taís, Ramos Lamar, Adolfo. 2015. “*A Literatura Marginal/Periférica: Cultura Híbrida, Contra-Hegemônica E A Identidade Cultural Periférica*.” *Especiaria - Cadernos De Ciências Humanas*. 16 (27): p. 193-212.

Brandileone, Ana Paula Franco Nóbile. 2021. “*A identidade marginal periférica em o sol na cabeça, de Geovani Martins*”. *Scripta Uniandrade*, v. 19, n. 1, p. 26-44.

Maia, João Roberto. 2021. “*Armas para continuar o jogo: “Esprial” de Geovani Martins*.” *Revista Terceira Margem* 25 (45): 174.

Peçanha do Nascimento, Érica. 2006. “*“Literatura Marginal”: Os Escritores Da Periferia Entram Em Cena*.” Universidade de São Paulo.

Reyes, Alejandro. 2011. “*Vozes dos porões: a literatura periférica/marginal do Brasil*”. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora.

Ventura, Zuenir. 1994. *Cidade Partida*. São Paulo: Companhia das Letras.

Recursos online

Amaro, Vagner. 2018. “*Jessé Andarilho: A Literatura Em Movimento*”. *Biblioo*. Disponível em: <https://biblioo.info/jesse-andarilho/>. (acessado 07.02.2023)

Leite, Eleilson. 2020. “*Literatura Periférica, Borbulhante E Singular - Outras Palavras*.” *Outras Palavras*. Disponível em: <https://outraspalavras.net/poeticas/literatura-periferica-borbulhante-e-singular/>

Pimentel, Davi Andrade. 2020. “*O sol na cabeça, de Geovani Martins: a literatura do morro*”. *Eixo Roda, Belo Horizonte*, v. 29, n. 2, p. 252-273. Disponível

em:http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/15771/1125613224. (acessado 28.01.2023)

Salgado, Marcus Rogério. 2017. *Experiência Urbana e Romance De Formação Na Contemporaneidade: Um Estudo Analítico De Fiel, De Jessé Andarilho*. Anima Educação.

Disponível em:
https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/4026/pdf. (acessado 17.01.2023)

Vasconcelos, Fabíola Cordeiro de; Ramos, Fabiana. 2021. “*Da minha janela: um olhar para o livro ilustrado infantil e sua leitura*.” Revista Leia Escola vol. 21 n. 1. Disponível em:
<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/2095>. (acessado 07.02.2023)

Seldin, Claudia, and Gabriella Ledo. 2017. “*Uma Breve História Do Rio De Janeiro Através Da Literatura: Representações E Novos Espaços*.” Anpur.Org.Br. Disponível em:
<http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenapur/article/view/2002>. (acessado 07.02.2023)

Silva, Michel. 2022. “11 Livros Escritos Por Moradores De Favelas Do Rio Sobre Variados Assuntos. Favela Em Pauta.” Disponível em: <https://favelaempauta.com/11-livros-escritos-por-moradores-de-favelas-do-rio-sobre-varios-assuntos/>. (acessado 07.02.2023)

Nome completo:

Caissa Enkt

Lugar e data de nascimento:

Chrudim, 30.01.1995

Nível de estudos:

2º ano de Mestrado

Domicílio:

Dubinská 737, Pardubice 53012

Endereço de correio eletrónico:

caissa.enkt@gmail.com

Contato telefónico:

00420777900361

Nome da instituição académica de acolhimento:

Univerzita Palackého v Olomouci

Nome do tutor académico do trabalho:

PhDr. Zuzana Burianová, PhD.

Nota de aceitação: Declaro que dou permissão para a difusão do presente trabalho pelas distintas universidades da República Checa e dos países ibero-americanos, bem como na página web www.premioiberoamericano.cz e noutros meios que o júri considere pertinentes.